

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2016

Paty minha irmã gêmea, metade minha.

Da janela do quarto da sede do Inominável, quarto que provisoriamente me acolhe nessa “residência artística” que criei para mim mesma, a chuva cai fina e abundante alterando som e paisagem. À minha frente avisto agora apenas edifícios, casas e algumas árvores com flores amarelas nas pontas. Ainda que eu não veja, imagino a chuva molhando os corpos desavisados que caminham pelas ruas daqui de Vila Isabel, eu apenas imagino, mas sei que isso está acontecendo agora, neste instante, bastaria que eu descesse os degraus do prédio e adentrasse a rua para ver a coreografia dos corpos na tentativa de escapar da chuva.

Gostaria neste instante de te pedir um favor: peço para que você abra bem olhos a fim de enxergar não o que vê, mas o que acontece enquanto você imagina. Pode ser?

Imagine você agora sozinha em sua casa retirando toda a sua roupa, saia, blusa, sutiã, calcinha. Encare o espelho e olhe bem para o seu corpo nu. Sua forma, suas curvas, sua estatura, seu sexo, toda e qualquer parte do seu corpo está agora exposta.

Imagine que a sua frente se encontra uma máscara feita de trecos que você ao longo de muitos anos vinha catando na rua. Uma máscara feita de vários pedaços de variadas coisas costuradas entre si: tampinha de refrigerante, um pedaço de tecido rasgado, uma carta de baralho, um pedaço de tomada, um carretel de linha, uma miçanga, um botão. Junto à máscara se encontra um tecido transparente capaz de cobrir todo o seu corpo, é um voal. No tecido é possível ler palavras e frases costuradas a várias mãos por linhas coloridas e em uma frase se lê: “corpo errante” e numa outra: “mulherecer é ato político”.

Imagine você agora cobrindo o seu corpo nu pelo voal transparente e em seguida depositando sobre a cabeça a máscara feita de trecos. Olhe novamente para o espelho, o que você vê já não é só você, é você e a rua, é seu corpo, o corpo da rua e tantos outros corpos materializados em cores, objetos e linhas. O que você vê é uma Figura estranha a sua imagem habitual e que se faz agora fantasmagórica, feito vulto, puro

espectro de uma cidade fantasma. Mas não se esqueça: por debaixo do tecido está ali o seu corpo nu.

Tome agora coragem para se despedir do espelho e vestida como está ganhe as ruas. É isso mesmo. Seus pés neste momento tocam o asfalto e você caminha errante pelas ruas da cidade.

Esse primeiro encontro com o fora não é tão fácil, você já teria imaginado centenas de reações possíveis a esta sua Figura sem nome, sem rosto e de sexo exposto que você dá a ver em via pública. Mas agora que você está ali, agora que você pisa com propriedade nesse chão acinzentado, nada é igual ao que você imaginara. Faz sol, o asfalto esquenta, você não está sozinha, muitos amigos te acompanham formando a sua “guarda”, seu corpo pede dança, você de propósito se desequilibra, pisa torto, apressa o passo, dá um giro e se sacode. Nesse gingado a transparência do tecido deixa escapar o seu corpo de mulher. Você experimenta o frescor da liberdade e arre pia até o último fio de cabelo. O passeio público se encontra totalmente diferente. Os olhos estão perplexos, os corpos desconcertados. Um homem grita em cima da moto: viu a mulher pelada ali? Uma mulher esconde o rosto envergonhada, alguns cochicham, outros fingem indiferença, carros e ônibus buzina m, desaceleram, freiam. Muitas pessoas tentam tirar fotos, mas ninguém impede a sua dança, você passa alterando o ritmo da cidade, passa feito raio rachando o chão do urbano.

Seu corpo errante celebra a potência de vida que te torna mulher, que te faz “mulherecer”.

Deu para enxergar, irmã? Conseguiu imaginar? O que te parece? Irreal?

Pois eu te digo: isso aconteceu, eu vi, eu estava lá. A tal Figura que você imaginou vestir foi antes vestida pela Ítala, amiga e colega do mestrado. O que você acaba de imaginar aconteceu na defesa de mestrado da Ítala um dia antes da escrita desta carta, dia 26 de fevereiro deste ano de 2016 no bairro da Lapa. Ítala, que neste dia ganhou de uma professora o nome de Ícara, bateu suas asas pelas ruas da Lapa alterando percepção e ritmo, arrancando risos e lágrimas com seu corpo errante.

A investigação da Ítala é sobre a errância, sobre como um corpo se faz errante para encontrar a sua potência, se afirmar enquanto corpo e (por que não?) “mulherecer”. É a própria Ítala quem diz:

“A mulher que busco evocar, não pode ser um gênero, precisa ser um verbo. Um *mulherecer*, aberto a qualquer corpo falante e movente. Aquilo de que eu me dei conta é que todo corpo pode ser errante. Nós *mulherecemos* um pouco quando saímos do lugar que nos foi destinado por certa partilha social. *Mulherecer* também é errar e pode produzir mudanças em nós e no nosso entorno”¹.

O que pode um corpo errante no chão da cidade? Ela pergunta. Você enxerga a resposta, irmã?

A primeira vez em que eu vi um corpo errante nós estávamos juntas. Tínhamos por volta dos seis anos de idade, estávamos em casa (ainda morávamos nas casas geminadas da rua t-37 no bairro do Bueno na cidade de Goiânia) quando escutamos um burburinho na nossa rua. Não sei se você se lembra, saímos de casa, eu você e nossos pais para ver o que estava acontecendo. Os vizinhos apontaram para a rua de cima e nos mostraram um corpo todo coberto por um lençol branco, segurando uma bengala e rodopiando feito peão. Você se lembra dessa imagem? “Deve ser uma velha doida”, os vizinhos disseram, eu fiquei apavorada e ao mesmo tempo encantada porque aquela “velha” parecia um fantasma, mas a sua dança não me causava medo, apenas fascínio. Você se lembra disso? Depois descobrimos que a “velha” era o nosso vizinho Paulo Otávio, brincando com um lençol e com a bengala do avô. Eu nunca mais me perdi dessa imagem.

Imagine agora a gente criança encontrando pela rua uma “maluca” com uma máscara colorida, coberta por um lençol transparente rodopiando pela rua? Acredito que assim como têm sido com a “velha” do Paulo Otávio, eu não me esquecerei nunca da “maluca” do corpo errante e permanecerei me perguntando por que tais figuras são ao mesmo tempo aterrorizantes e fascinantes?

¹ ARAUJO, Ítala Isis. *Corpo errante*. Niterói: UFF, 2016. 133 págs. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

Pois então, nestes dois anos de mestrado eu acho que compreendi o porquê do meu assombro e fascínio. Essas Figuras ousam provocar uma ruptura, ainda que momentânea, em leis e regras que normatizam os nossos corpos em sociedade, determinando como e quando podemos agir, de que forma devemos nos portar, como devemos nos vestir e insistindo em nos manter sob um regime de poder baseado no adestramento e na docilização dos corpos.

A esse poder sobre o corpo o filósofo francês Michel Foucault chamaria de disciplinar em sucessão ao poder de soberania. Veja como Foucault em “Microfísica do poder” faz a distinção entre o poder de soberania e o poder disciplinar no decorrer dos séculos:

“O modo como o poder era exercido podia ser transcrito, ao menos no essencial, nos termos de relação entre soberano-súdito. Mas, nos séculos XVII e XVIII, ocorre um fenômeno importante: o aparecimento, ou melhor, a invenção de uma nova mecânica de poder”². Foucault vai nos dizer que esta nova mecânica é disciplinar no sentido que apoia-se mais “nos corpos e seus atos do que na terra e seus produtos, é um mecanismo que permite extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza, é um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância e não descontinuamente por meio de sistemas de taxas e obrigações distribuídas no tempo”³.

De um regime de poder em que o soberano exerce seu domínio sobre o súdito através da cobrança de tributos e obrigações, sucede um novo tipo de poder “que não pode mais ser transcrito nos termos da soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente; este poder não soberano, alheio à forma da soberania, é o poder disciplinar”⁴.

Poder que regula comportamentos, adestra os gestos, normatiza os corpos a fim de torna-los cada vez mais dóceis e, sobretudo, mais eficientes. Você que trabalha na área

² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 187.

³ IDEM, idem: p. 187, 188.

⁴ IDEM, idem: p. 188.

de marketing de um shopping center deve saber melhor do que eu o que significa otimização de tempo e eficiência produtiva. Em “Vigiar e punir”, outro livro de Foucault, ele nos diz que:

“O controle disciplinar não consiste em ensinar ou impor uma série de gestos definidos; impõe uma melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e de rapidez. No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto”⁵.

Está acompanhando, Paty? É possível imaginar esse tipo de poder sobre o corpo? Percebe o poder disciplinar exercendo domínio sobre suas escolhas, suas formas de vestir, de agir, de se comportar?

O que mais me impressiona nisso tudo não é a vigília sobre os corpos, nem a constante contenção de comportamentos e gestos a que somos constantemente submetidas, mas a maneira como provocamos uma ruptura nessa normatização toda, pois é na contramão dessa regulação sobre os corpos, na contramão de um poder que normatiza, impõe comportamentos e regula os gestos, que Figuras como a da Ítala e a do Paulo Otávio se fazem existir.

Veja: Foucault falou que “um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto”, os corpos da Ítala e do Paulo Otávio realizam tudo menos o mínimo gesto. O movimento dos seus corpos ao invés de minimizar, encolher a ação, conter a revolta, excede, extrapola, exagera e, dessa forma, ainda que não intencionalmente, se recusa à disciplina.

Pensando no corpo enquanto Figura, corpo este indissociável da sua imagem, a Figura criada pela Ítala não só recusa a normatização do corpo, como também nos oferece uma imagem nada pacífica para um corpo de mulher inserido em nossa sociedade disciplinar. Afinal, que corpo de mulher sairia na rua vestido por um tecido que deixa

⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

exposto o seu sexo? O corpo de uma puta? De uma louca? De uma drogada? A Figura que Ítala nos apresentou naquele dia, por sua cuidadosa composição feita de trecos que há anos ela vinha catando na rua e de palavras costuradas a mão por diversas pessoas, não deixou dúvidas: o que se apresentava diante dos nossos olhos era, no mínimo, o corpo de uma artista.

É curioso ver como dependendo da Figura que criam ou criamos para nós, dependendo da imagem que fazem ou fazemos de nós, nos tornamos propagadores ou desarticuladores de processos de normatização. O mesmo se dá em nível de potência. Que Figura podemos criar para nós a fim de desarticular e não propagar processos normatizadores? A fim de aumentar e não diminuir nossa potência de ação?

Os super-heróis sabem fazer isso como ninguém. Sendo bem ilustrativa, Paty, para você ter uma ideia de como esse lance da Figura é determinante na relação com a norma e a potência, coloque lado a lado a Figura do Batman e a do Bruce Wayne, qual delas é normatizada e qual, potencializando o corpo, extrapola a norma?

O Paulo Otávio, assim como a Ítala, soube criar para si Figuras potencializadoras de corpo e de ação. A Figura do Corpo Errante (é como eu tenho gostado de chamar a Figura criada pela Ítala), não só desarticula processos normatizadores do corpo como descaracteriza a imagem de mulher dócil e obediente e, assim, experimenta graus de liberdade para seu corpo de mulher.

Li uma vez em uma exposição uma frase que nunca mais esquecerei do crítico de arte Mário Pedrosa: “a arte é o exercício experimental de liberdade”. Não te impressiona, minha irmã, o exercício de liberdade que a Ítala experimentou em seu corpo de mulher?

Peço agora que você olhe para o seu corpo (que eu quase poderia dizer que é meu também, tão parecido eles são em tamanho, espessura, cores e curvas). Olhe para esse seu corpo de mulher e me diga como é para você conviver com ele? Como é para você carregá-lo todos os dias, acordar com ele, dormir com ele, levá-lo para o trabalho, para a rua, para a casa, para o espelho. Como é para você esse convívio íntimo e social com seu corpo?

Pergunto a você o que tenho muito me perguntado ao longo desses dois anos de mestrado. O fato dos nossos corpos serem muito parecidos me leva a achar que você sente o mesmo que eu sinto, que o que se passa comigo poderia se passar contigo e vice-versa, mas eu sei que não é assim. Cada um recebe as experiências de uma forma e o mesmo se dá com a resposta que damos a elas, inclusive podemos escolher passar ou não por experiências. Talvez tudo se resuma ao que queremos dar atenção.

O que se sucedeu comigo ao longo desses dois anos, Paty, foi que passei a dar atenção aos processos íntimos e sociais que me constituem enquanto indivíduo dentro das estruturas de poder existentes. Porque não estamos separados do poder, pelo contrário, somos por ele constituídos. É Foucault, novamente, quem vai dizer: “efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos”⁶.

Sendo o corpo no regime de poder em que vivemos o seu principal alvo, voltei minha atenção ao corpo, mais precisamente aos efeitos do poder sobre o corpo enquanto essa Figura social, indissociável de imagens, significados, identidades, direitos e impedimentos, e a como essas Figuras podem corroborar com os efeitos do poder ou fazer resistência a eles.

Ao observar este meu corpo em sociedade percebi que ele se encontrava por demais colado ao poder que o constitui e que a sua Figura íntima e social acabava por nutri-lo ao invés de enfraquecê-lo. Pois o poder disciplinar, minha irmã, não é só repressivo, negativo, mas também produtivo, ele não produz só corpos dóceis, fracos e submissos, mas sobretudo corpos eficientes, úteis e ágeis. Estamos de tal forma atrelados a esse regime de poder que é difícil perceber quando é ele a nos alimentar e quando somos nós a engordá-lo.

Na introdução que o filósofo Roberto Machado escreveu para “Microfísica do poder”, ele nos diz que Foucault nos apresenta o diagrama de um poder que “não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz

⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 185.

comportamentos, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e à manutenção da sociedade industrial, capitalista”⁷. E continua: “a grande importância estratégica que as relações de poder disciplinares desempenham nas sociedades modernas depois do século XIX vem justamente do fato de elas não serem negativas, mas positivas”⁸. Pois como nos diz o próprio Foucault:

“Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo”⁹.

Paty, leia novamente esta última frase: se o poder é forte é porque ele produz efeitos positivos a nível do desejo. Bizarro, não? Bizarro pensar que podemos desejar aquilo mesmo que nos condena, desejar o mesmo que nos aniquila. Mas, se somos produto do poder, se por ele somos fabricadas, então nada mais coerente que desejar o que ele deseja. Nada mais exato que afirmar a sua investida. E o que o poder deseja para um corpo? Docilidade, adestramento, utilidade, eficiência e tudo isso sendo orquestrado por uma vigília constante.

O assombro da vigília é tão devastador que já não sabemos quando nossos corpos estão sendo disciplinarizados por um poder vigilante e quando somos nós a nos vigiar ainda que nada nos vigie. É quando nos vemos migrando de uma sociedade disciplinar para a de controle. Em uma sociedade de controle estamos já tão familiarizados com o poder disciplinar que não precisamos de instituições exercendo nosso controle, acabamos por assumir a nossa própria vigília, o nosso próprio controle. O filósofo francês Gilles Deleuze em seu “Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle”, nos diz que o controle é uma nova força que se anuncia: “‘Controle’ é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema

⁷ IDEM, Idem: p. XVII

⁸ IDEM, Idem: p. XIX

⁹ IDEM, Idem: p. 148

fechado”¹⁰. E completa: “não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições.”¹¹

É na contramão do espelhamento entre corpo do sujeito e corpo do poder, é fazendo resistência à aderência passiva ao poder que normatiza o corpo em prol da sua eficiência e produtividade, é lutando contra o desejo que em nós deseja obediência, disciplina e controle que venho nestes dois anos compondo Figuras para este meu corpo de mulher. Nada mais inútil para o poder que um corpo Figura, nada mais improdutivo que um corpo Errante. Percebe, Paty?

Ítala ao dizer que devemos desconfiar do lugar que nos foi destinado por certa partilha social me convidou a “mulherecer” e agora eu estendo este convite a você.

Que Figura podemos criar ao juntarmos nossas metades, minha gêmea? Aceita se aventurar nessa comigo?

¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo. Ed. 34, 1992, p. 220.

¹¹ IDEM, Idem: idem.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Ítala Isis. *Corpo errante*. Niterói: UFF, 2016. 133 págs. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.